Iniciamos o ano de 2026 com a excelente notícia sobre a nova Classificação da revista Nova Perspectiva Sistêmica no Qualis CAPES (2021-2024). Agora, a NPS está classificada como A4, passando a incorporar o primeiro e mais importante extrato. Ficamos muito orgulhosos dessa conquista, que qualifica a revista e consolida todo o trabalho que temos feito para manter rigor acadêmico e qualidade técnica das publicações. Agradecemos a todos/as que constroem a revista, equipe editorial, leitores/as, revisores/as, conselho editorial, autores/as, por esta conquista, e convidamos todos a submeterem novos textos para avaliação e possível publicação.

Nesta edição, abrimos a revista com a seção **Fronteiras**, onde apresentamos o artigo **"Construtivismo e Construcionismo Social: Domínios Linguísticos Diferentes"**, da renomada autora do campo sistêmico **Maria José Esteves de Vasconcellos**. Esse texto estabelece uma distinção epistemológica fundamental entre o domínio científico e o filosófico, convocando o leitor a manter a coerência conceitual nas práticas sistêmicas. O artigo clarifica as distinções fundamentais entre construtivismo e construcionismo social, situando-os em domínios linguísticos distintos: o científico e o filosófico. A autora recorre à impossibilidade da objetividade para alertar sobre a necessidade de coerência epistemológica nas práticas sistêmicas contemporâneas e conclui que a escolha por um domínio exige o rigor de não transpor conceitos de forma indiscriminada entre as diferentes matrizes de pensamento.

Iniciando os artigos originais, o artigo **"Relações de poder nas práticas dialógicas"** surge como uma correspondência entre os autores **Tom Erik Arnkil e Kai Alhanen** que analisa a indissociabilidade entre poder e diálogo sob uma perspectiva foucaultiana. Os autores argumentam que práticas como o Diálogo Aberto e Diálogos Antecipatórios exigem um uso do poder que seja explícito, ético e transparente para sustentar espaços de igualdade e polifonia. No texto é destacado, por meio de experiências internacionais, como a reflexividade sobre o poder é fundamental para transformar contextos de tensão em oportunidades de convivência democrática.

O artigo seguinte titula-se **"Despertar Memórias: uma jornada pessoal e coletiva de re-membrança"**, de **Adriana Müller, Gláucia Tavares e Marília Aguiar**, que apresenta uma metodologia narrativa inovadora voltada à criação de espaços de afeto e reconexão. Baseada nos passos de David Denborough, a prática articula histórias pessoais e saberes locais em oito etapas que culminam na produção de documentos coletivos poéticos. O artigo compartilha resultados de oficinas vivenciais que demonstram a potência da unidade na diversidade e a força terapêutica do testemunho compartilhado.

Seguimos com o artigo **"Discursos Sociais e Narrativas Pessoais: Reautoria na Terapia de Sessão Única Narrativa"**, de **Isabel Sekua Spada, Murilo dos Santos Moscheta e Laura Vilela e Souza**. O estudo investiga a potência da terapia de sessão única narrativa no tensionamento de discursos hegemônicos de desempenho

acadêmico de uma doutoranda. Através de um estudo de caso clínico, os/as autores/as demonstram como recursos de externalização e reautoria permitem a transição de uma autoimagem passiva para o resgate da agência pessoal. O texto evidencia as implicações éticas e políticas dessa modalidade terapêutica ao promover novas possibilidades existenciais frente às pressões normativas da academia.

Continuando, temos o ensaio teórico-crítico **"A trilogia amor-casal-monogamia e o contexto de violência doméstica contra mulheres"**, de **Luanne Marques Batista**. Esse artigo propõe uma reflexão necessária sobre como as narrativas do amor romântico e da monogamia compulsória estruturam a violência de gênero. A autora questiona a persistência do feminicídio e do controle sobre os corpos femininos, sugerindo que a descolonização dos afetos é um passo fundamental para romper com lógicas de posse. O texto convida à descentralização das relações românticas como estratégia política e social para a garantia da vida e da autonomia das mulheres.

Seguimos com o estudo **"Sentidos de reintegração familiar em contextos de acolhimento institucional"**, de **Giovanna Carbonera Agrella, Vitor Alcedo Carrascosa e Camila Martins Lion**, que utiliza a análise temática reflexiva sob a lente do construcionismo social para investigar as práticas de proteção à infância. Os autores apontam os desafios das equipes técnicas no fortalecimento de vínculos familiares e as lacunas nas políticas públicas de prevenção. O texto problematiza a dificuldade de manter o caráter excepcional do acolhimento, convocando a rede socioassistencial a uma atuação mais integrada e reflexiva.

Finalizando os artigos originais, temos o texto **"Conduzindo um grupo terapêutico com pessoas diagnosticadas com esquizofrenia no contexto da clínica privada"**, de **Júlia Santa Clara de Azevedo Ferreira e Carla Guanaes-Lorenzi**. As autoras relatam uma experiência inovadora pautada no paradigma do *Recovery* e na postura construcionista, desafiando a lógica individualista da clínica particular ao propor um espaço coletivo de cuidado que dialoga com as diretrizes da Reforma Psiquiátrica e do SUS. O relato oferece subsídios práticos e éticos para terapeutas que buscam construir possibilidades de existência além do diagnóstico estigmatizante.

Na sequência, anunciamos as seguintes seções. Primeiro, a seção **Conversando com a Mídia,** em que temos o texto ***Como os nossos pais*: Uma ilustração sobre segredos familiares,** de Rebeca Espinosa Cruz Amaral, que traz o convite para ver o filme brasileiro *Como nossos pais*, lançado em 2017.

Na seção **Estante de Livros,** temos o texto de Giselle Maestri titulado **Educando a tristeza pela perspectiva do olhar.** A autora elabora uma resenha do livro Educação da Tristeza, de Valter Hugo Mãe, lançado em 2025.

Na seção ECOS, temos o texto **Contribuições do Diálogo Aberto à consulta conjunta,** de Paula Fava Ditt Lutti, que nos faz o convite para ler o artigo Contribuições do Diálogo Aberto à consulta conjunta: reflexões a partir de um atendimento familiar, de Bruno Esposito e Carolina Galvão de Oliveira, publicado na Nova Perspectiva Sistêmica de dezembro de 2025.

Para finalizar, temos a seção **Família e Comunidade** com o texto **Intervisões Clínicas - Afeto e Política: um projeto contra hegemônico no campo da Psicologia,** de Camilla de Melo Silva, Diana Montenegro Ribeiro e Domitila Shizue Kawakami Gonzaga. As autoras apresentam a Coletiva Olhares, detalhando a metodologia dessa prática de grupo pensada e construída como possibilidade contra-hegemônica aos métodos tradicionalmente conhecidos de supervisão para terapeutas. Desejamos uma excelente leitura!

Adriano Beiras e equipe editorial NPS.